



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

ALBERTO SAMPAIO E MARTINS SARMENTO.

FARIA, Emília Sampaio Nóvoa

Ano: 1992 | Número: 102

Como citar este documento:

FARIA, Emília Sampaio Nóvoa, Alberto Sampaio e Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 102 Jan.-Dez. 1992, p. 461-470

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



casadesarmiento

centro de estudos do património

Alberto Sampaio e Martins Sarmiento

Emília Sampaio Nóvoa Faria

Revista de Guimarães, n.º 102, 1992, pp. 461-470

Foi com profunda emoção, que um dia ao ler um rascunho de uma carta escrita por meu Avô, Francisco da Nóvoa no ano de 1955, em resposta ao pedido de cedência por depósito da biblioteca e espólio de Alberto Sampaio feita pelo coronel Mário Cardoso, então presidente da Sociedade Martins Sarmiento, encontrei estas palavras:

"De esperanças vive o homem e nós ainda teimamos em acreditar num renascimento do espírito algo obscurecido pelo materialismo da época em que vivemos, e que algum dos nossos queira, já não digo continuar, mas esclarecer-se nos veios ainda ignorados dos velhos códices que seu ilustre tio pôs a descoberto para ver até onde iam as raízes de Portugal".

Cumpriu-se a profecia de meu Avô, quando um dia, conduzida pela curiosidade insaciável dos meus vinte e poucos anos, penetrei naquela biblioteca, lugar sagrado aos meus olhos de menina, e aí como que obedecendo a um estranho desígnio deixei que as minhas mãos e os meus olhos abrissem caminho para o mundo fascinante de um passado, sempre presente e venerado no nosso meio familiar. Seduzida pela atmosfera serena e tranquila daquele lugar, com os seus mistérios escondidos aqui e ali, a leitura da correspondência e de outros elementos que pertenceram a Alberto Sampaio, aos poucos construiu à minha volta uma teia de ténues fios que deliciosamente me agarraram à vida do Historiador e da sua geração.

Hoje estou certa que meu Avô sorriria ao ver-me nesta Sociedade, que tão profundos vínculos estabeleceu com José e Alberto Sampaio, amigos íntimos de Martins Sarmiento, a transmitir a mensagem da amizade que uniu os meus antepassados ao distinto arqueólogo vimaranense. Alberto Sampaio e Martins Sarmiento, homens diferentes nas suas concepções de vida, comungando contudo de um mesmo ideal — a descoberta dos enigmas das civilizações mais remotas da nossa História.

À Sociedade Martins Sarmiento, na pessoa do seu presidente, o Senhor Dr. Santos Simões, e a todos quantos tornaram possíveis estas comemorações dos 150 anos de nascimento de meu tio trisavô, quero expressar o meu mais profundo agradecimento e, se me é permitida a ousadia, manifestar também a minha gratidão por terem contribuído para a concretização de um dos meus maiores sonhos ao longo destes anos — o sonho de ver Alberto Sampaio vivo entre nós.

Contradizendo o nosso grande poeta Camões num dos seus mais belos sonetos:

"Só o tempo que passou, com o tempo
Se não faz tempo presente..."

eu diria, que hoje é tempo para voltar ao passado e fazer dele o tempo presente, relembando todos aqueles que deixaram marcas indeléveis a merecerem o nosso olhar.

* * *

"Há quanto tempo nos conhecíamos!?" escreve Alberto Sampaio no regresso ao passado da sua adolescência, onde na memória permanece ainda viva a imagem daquele primeiro encontro com Martins Sarmiento. "A minha primeira recordação retrotrae-se aos quatorze ou quinze anos (1854/1855). Duma vez, meu tio Gaspar ia visitá-lo e levou-me consigo. Recebeu-nos no quarto de dormir, assentado na cama, com uma mesinha diante de si, entre montões de

livros. Em plena florescência da mocidade, parte do dia, passava-o ali, a ler e escrever: rico, de distinta posição social, e cheio de talento, tornara-se legendário, por essa excentricidade, numa terra, em que quase ninguém se entretinha com leituras. Não sei o que disseram: impressionado pela sua fisionomia insinuante, tão expressiva e diversa da que lhe conhecemos nos últimos tempos, lembra-me apenas termos mostrado uma faca de marfim de cortar papel e uma cadeira à Voltaire, aquisições recentes e conservadas ambas, se não me engano, até ao fim da vida.

Falamos pela derradeira vez em 27 de Maio de 1899, quando lhe dei o abraço de despedida, na véspera de partir para Briteiros, onde foi convalescer da penúltima doença. Conversamos a respeito do Moçambique de Mouzinho de Albuquerque, que lera em poucos dias com a sofreguidão de um espírito moço: duas ou três semanas depois regressou a Guimarães ferido pela moléstia que o levou à sepultura.

Entre as duas datas decorre longo período, e neste há um intervalo durante o qual raras vezes nos encontramos. Eu vinha a Guimarães de fugida; e ele, a não ser no verão, quase nunca saía. Só mais tarde, quando vim viver nesta cidade com demora, é que se estreitaram as nossas relações".

Boamense, a casa paterna em Vila Nova de Famalicão, foi o lugar de eleição onde Alberto Sampaio permaneceu quase uma vida, entregue às reflexões e congeminações dos estudos e das grandes paixões que animavam o seu espírito — a agricultura e a história. Desenraizado do mundo materialista, sem contudo perder de vista os acontecimentos marcantes de uma sociedade em evolução, em relação aos quais evidencia um poder de análise e de crítica notáveis, a vida social de Alberto Sampaio restringe-se na prática, a um pequeno grupo de amigos unidos em torno de idênticos valores de ordem cultural e social.

Seria portanto de todo inevitável, dadas as relações de profunda amizade existentes entre Martins Sarmiento e seu irmão José da Cunha Sampaio e o trabalho que ambos desenvolviam numa área de estudo

comum, que se viesse a estabelecer essa ponte de ligação nas vidas do arqueólogo e do historiador.

Foi grande certamente, a influência de José Sampaio no fortalecimento da profunda amizade e respeito que se estabeleceu entre Alberto Sampaio e Martins Sarmiento e que permaneceu mesmo para além da morte do sábio vimaranense. Terá sido, contudo, maior a razão fundada nas grandes afinidades culturais e intelectuais que existia entre ambos. À larga experiência e profundo saber de Martins Sarmiento recorreu Alberto Sampaio para esclarecer e fazer luz sobre alguns pontos mais obscuros dos seus trabalhos sobre as nossas origens.

Nesta ordem de ideias inserem-se algumas referências a Martins Sarmiento no estudo "O Minho Rural e Industrial". "É hoje fora de dúvida — escreve o historiador das Vilas — depois de tão celebradas explorações arqueológicas do Sr. Sarmiento, que os antigos habitantes do Minho viviam no cimo dos montes em pequenos povoados, conhecidos tradicionalmente pelo nome de citânias, cidades ou castros. (...)

Recentemente, o Sr. Sarmiento, criticando os dados relativos à antiga população do Ocidente, concluiu que os povos das citânias pertenciam à família chamada Ligur, que ocupava todo o poente e meio-dia da Europa, quando a invasão céltica partiu a unidade desse mundo, ficando a parte de cá separada, e isolada dele, no estado primitivo em que os romanos a vieram encontrar."

Atento aos escritos de Alberto Sampaio, no reconhecimento da validade que os seus trabalhos conferiam à ampliação dos conhecimentos históricos sobre o nosso povo e o nosso país, Martins Sarmiento presta-se a esclarecer o historiador, em todos os assuntos que já tinham sido objecto das suas investigações e estudo.

Da escassa correspondência trocada entre ambos, refira-se em particular esta carta de Martins Sarmiento versando quase em exclusivo o tema predilecto do arqueólogo e não menos importante para a obra a que se dedica o historiador — as citânias.

"Esqueceu-me de lhe pedir *bis* duma passagem do seu escrito acerca da minha opinião sobre os habitantes da Citânia e as civilizações que aí se encontram. Eu vou exprimir-me muito claramente, para o meu amigo modificar o que escreveu, se o que escreveu não exprime a minha opinião no tal ponto que me esqueceu de tirar a limpo, pedindo a repetição da leitura. Até provas em contrário a minha opinião é que as nossas Citânias foram construídas e habitadas até o tempo dos romanos por uma santa gente que chegou ao ocidente da Europa uns 15 séculos antes da nossa era. As citânias só mostram vestígios da civilização romana, sem que a gente deixasse de ser a mesma. Os vestígios da civilização romana na Citânia de S. Romão consistem em objectos de indústria romana de importação sem dúvida, e no emprego de inscrições; mas estas inscrições contêm só nomes indígenas. Se algum romano ou romana ali pôs pé foi provavelmente como hóspede. Eu insisto na coisa, porque já me atribuíram, não me lembro onde, a opinião de que havia mais que uma civilização na Citânia e a coisa, vinha guiada de modo que podia entender-se que ela fora habitada por povos diferentes, cada um com civilização própria".

A melhor forma de reconhecer o mérito do historiador e a admiração sentida pelos seus trabalhos, encontrou-a Martins Sarmiento na dedicatória do seu livro — "Lusitanos, Lígures e Celtas" — "Aos meus amigos — Domingos Leite de Castro e Alberto da Cunha Sampaio".

Mas se Martins Sarmiento tinha em Alberto Sampaio o seguidor atento aos resultados das escavações a que procedia e às teses desenvolvidas no domínio da arqueologia, não é menos verdade ter sido José da Cunha Sampaio um franco entusiasta no acompanhamento e colaboração dada aos seus trabalhos. Em Cabeçudos, localidade onde se situam as propriedades da Casa de Boamense, José Sampaio presta-se a indagar sobre possíveis "achados" arqueológicos aí existentes, efectuando ele próprio investigações que de imediato comunica a Martins Sarmiento:

"Falaram-me duns marcos com letras existentes em certas bouças; — refere José Sampaio em carta datada de 25 de Setembro de 1888 — fui vê-los e verifiquei serem os marcos divisórios da freguesia, sem letras e apenas com uma cruz na forma de cruz dos cruzados. Nenhuma tradição, nenhuma lenda interessante. Soube apenas que no adro da Igreja de Santa Maria de Abade existem umas pedras antigas com letreiros, que o Camilo de Seide (C. Castelo Branco) não soube ler: mas pelas informações que me deram são as tampas de sepulturas. Em todo o caso tenciono ir lá um destes dias.

Dos três marcos que conheço aí lhe mando uma cópia do que neles vi. O existente na casa do Dr. Adriano Sampaio parece-me completo, e a sua forma leva-me a supor que a inscrição não foi picada.

A cópia que lhe mando de certo não é exacta, porque como eu não sei interpretar a inscrição decerto a copiei mal.

Este inconveniente — conclui José Sampaio — remedeia-se se o meu amigo quizer ter o incómodo de vir aqui. À vista do calhau poderá tirar uma cópia exacta da inscrição".

Entusiasmado pelos marcos milionários e conhecendo o interesse que com toda a certeza suscitariam em Martins Sarmiento, prossegue nestas investigações tentando decifrar melhor as inscrições e propondo-se mesmo a traçar um mapa com a localização tão correcta quanto permitiam os meios de que dispunha, dos ditos marcos.

"Mando-lhe uma nova cópia da inscrição com algumas observações, — escreve José Sampaio poucos dias depois — parece-me que posso responder pela sua exactidão, pois que a estudei minuciosamente auxiliado pela cópia que me mandou.

Quanto a distâncias respondo no risco junto. Fiz uma medição, em parte pelos meus passos, que depois reduzi a metros, e em parte pelo tempo do percurso. Creio que daí à verdade não há nenhum quilómetro de diferença".

Estas informações constituíram certamente o ponto de partida para o estudo que Martins Sarmiento efectuará sobre os ancestrais

marcos milários de Cabeçudos, a merecerem também eles nota de realce na sua obra de arqueólogo, como testemunha esta breve passagem:

"Imagina-se porém que não haviam de faltar, e às indagações do meu amigo José da Cunha Sampaio devo o reconhecimento de três todos eles na freguesia de Cabeçudos.

Um deles foi encontrado numa escavação que casualmente se fez defronte do portal da quinta de Pereira e, fosse por que motivo fosse, lá está na posição que lhe daria quem tivesse o intuito de o conservar para os estudiosos. (...)

O segundo marco está hoje a escorar a varanda de uma casa, próxima da Igreja de Cabeçudos e, segundo se diz foi achado a pouca distância dela. (...)

O terceiro também serve hoje de escora a uma varanda no lugar de Santa Ana, e, bem que a inscrição não esteja completa, pode restaurar-se em quase todas as linhas".

No ano de 1882 fundava-se a Sociedade Martins Sarmiento, prestigiada colectividade, à qual desde logo aderiram os irmãos Sampaio numa manifestação que se pautava não apenas pelos laços de amizade a Martins Sarmiento e ao seu projecto, mas também por sentirem o quanto esta Sociedade concorreria para o progresso cultural da cidade que tanto amavam. Desde os primeiros momentos de formação desta instituição, José e Alberto a ela se dedicaram com especial carinho prestando a colaboração necessária para fazer germinar a ideia que tinha presidido a este projecto — José, sócio nº 5, fundador e presidente da primeira direcção, Alberto, sócio nº 6, sendo mais tarde, no ano de 1891, nomeado sócio honorário pelo reconhecimento justo e merecido das suas actividades a favor desta Sociedade.

Colaborador assíduo da "Revista de Guimarães", onde foi publicada uma parte significativa dos seus estudos, igualmente merece referência o seu envolvimento na organização da 1ª Exposição Industrial de Guimarães realizada no ano de 1884, exposição que pelo sucesso que teve em Guimarães e arredores, excedeu largamente as

expectativas. Consciente da enorme importância que se revestia a industrialização, Alberto Sampaio, com espírito inovador e talvez, deslocado para a época, expôs de forma clara a necessidade de promover uma exposição industrial em Guimarães, ao escrever:

"A indústria dum povo depende do seu carácter e das aptidões da sua raça: do mesmo modo que a língua e literatura apresentam um tipo especial que se filia nas suas faculdades geniais, também assim as produções da sua indústria levarão sempre consigo um cunho determinado e distinto".

Guimarães não se esqueceu do principal promotor desta iniciativa e do estrondoso êxito alcançado pela mesma, manifestando-lhe publicamente o seu grande apreço e reconhecimento pela obra realizada. Conta-se, e não é difícil acreditar, se atendermos à natureza tímida e reservada de Alberto Sampaio, que seu irmão José o representava nestas manifestações, para em seu nome agradecer e falar ao povo. Como ele próprio afirmava, o acanhamento que sentia só por si justificava o seu impedimento para "falar diante de vinte pessoas juntas". Conta-se também, que um dia, impossibilitado de fugir depois de ter sido reconhecido por um grupo de pessoas, foi levado aos ombros pelas principais artérias da cidade em clima de esfuziante alegria, demonstrando o povo vimaranense o quanto, já nesse tempo, o admirava.

Se o sentimento profundo de uma amizade cultivada ao longo dos anos vividos em Guimarães unia José Sampaio a Martins Sarmiento, também os unia uma mesma doença — bronquite crónica — doença que procuraram vencer através do ânimo que incutiam um ao outro, mostrando sempre total solidariedade em relação ao mal que os atingia e para o qual não vislumbravam solução. Sabendo perfeitamente que, um dia, a doença os venceria, Martins Sarmiento dizia, com algum humor, que ambos formavam as pernas do mesmo banco. De um lado estava ele e do outro o seu amigo, de forma que, quando um faltasse, o banco perderia a estabilidade e o outro teria, irremediavelmente que ceder.

Quis o destino que fosse Martins Sarmiento o primeiro a partir. José Sampaio, não conseguiu sobreviver ao profundo desgosto mais do que escassas cinco semanas, acusando a falta irreparável daquele que, em vida, fora um dos seus mais queridos amigos.

Alberto Sampaio, em carta dirigida a Luís de Magalhães, pouco tempo depois da morte do irmão diz:

"Meu irmão, há meses, andava muito doente, mas ia vivendo e viveria ainda, se não fosse a morte do Sarmiento, que lhe causou um abalo tão profundo, contra o qual o seu organismo não pôde reagir. Sempre que se encontravam, falavam nas suas moléstias, e diziam-se que andavam ao desafio; quando lhe deram parte da morte do Sarmiento, disse — agora vou eu".

Notável, realmente, como disse Alberto Sampaio a existência de tão grandes amizades como as que ligaram José Sampaio a Martins Sarmiento ou o historiador das Vilas a Antero de Quental. Eram raras no seu tempo e mais ainda no tempo em que vivemos. Nunca será demais enaltecer o verdadeiro culto pela amizade daquela geração de Homens ilustres, que sempre valorizou mais aquela virtude do que o legítimo direito à honra e à glória devidas ao seu saber, à sua inteligência ou à sua arte. Por ser simples e sincera é que era grande!

Pouco tempo após a morte do sábio vimaranense, Alberto Sampaio escrevia, em sua memória:

"Não falando no sábio, era um carácter de ouro, sempre pronto a apaixonar-se e auxiliar quanto era bom. Acabou-se. Resta a saudade, que é a flor imarcescível do coração humano".

A amizade, quando é grande não morre, e hoje aqui estamos a demonstrá-lo. Tanto tempo passou e nem por isso deixa de ser lembrada e celebrada a amizade que uniu Martins Sarmiento aos irmãos Sampaio. Nesta casa onde tantos sonhos foram "sonhados noutras idades", mora ainda essa amizade. Quem a não sente eternamente viva?

Neste regresso ao passado onde se situam tantas das lembranças destes grandes homens que hoje, aqui, tentei tornar

presentes, estou certa de que os seus pensamentos caberiam nesta pequena poesia de Sophia de Mello Breyner:

"Este é o amor das palavras habitadas
Moradas habitadas
Nelas mora
Em memória e demora

O nosso breve encontro com a vida.